

16-02-2023

O técnico e o político: um falso dilema

Paulo Victor R. de A. Lira

[Sanitarista. Mestre em Saúde Pública]

Contemporaneamente muitos são os dilemas apresentados pela sociabilidade capitalista. O «**individualismo x coletividade**», «**desenvolvimento científico e tecnológico x maior liberação de tempo de trabalho**», «**desenvolvimento econômico x desigualdades sociais**», «**trabalho x direitos**». É fato que atualmente esses dilemas apresentam-se, ou aprofundam-se, como expressões do desenvolvimento capitalista. Longe de serem expressões sociais universais, estes problemas são inerentes à lógica da acumulação capitalista. A partir da necessidade de ampliar suas taxas de acumulação, o capital articula novas-velhas formas de exploração da força de trabalho em conjunto com alterações do papel do Estado e do mercado. Mesmo que não reflitamos sobre, é essa a lógica que conduz nossos dias. Contratos precários de trabalho, baixa remuneração, terceirização massiva, desregulamentação das legislações vinculadas ao trabalho, desemprego, avanço das privatizações, desmonte dos serviços públicos, aumento da fome e da violência, aumento da população encarcerada, desmobilização popular. Essa é a conformação do neoliberalismo. Muito além de ser apenas uma “política econômica ou de mercado” o neoliberalismo, ou a razão neoliberal (Dardot e Laval, 2016), avança sobre a vida dos sujeitos, possibilitando a subjetivação dos princípios neoliberais em todas as esferas da vida. O processo de subjetivação, grosso modo, é evidenciado em uma lógica do “empreendedor de si mesmo”, “o único responsável pelo meu sucesso”, etc. Esse processo, além de fomentar a culpabilização dos sujeitos, mina com os laços de solidariedade e assume uma falsa neutralidade social. Nas palavras dos autores:

“Não se trata somente de políticas econômicas monetaristas ou de austeridade, de mercantilização das relações sociais ou de ditadura dos mercados financeiros. Trata-se mais fundamentalmente de uma racionalidade política que se tornou mundial e que consiste em impor por parte dos governos, na economia, na sociedade e no próprio Estado, a lógica do capital até a converter na forma das subjetividades e na norma das existências” (Dardot e Laval, 2019).

Só aqui chegamos ao ponto central da nossa coluna: o falso, mas não mentiroso, dilema entre técnica e política.

É comum, até em campos mais contra-hegemônicos como o da Saúde do Trabalhador, que sejam apartadas as dimensões técnica e política da ação dos sujeitos. Enquanto expressão fenomênica da realidade é possível que isso aconteça. No entanto, em sua essência, esse dilema se apresenta como falso, ainda que os próprios sujeitos das ações se assumam como “neutros”. A possibilidade que o capitalismo, aqui exponeciado pelo neoliberalismo e sua racionalidade, tem de refletir seus aspectos particulares enquanto elementos universais é assustadora. Os mecanismos ideológicos mobilizados permitem que nós trabalhadores e trabalhadoras defendamos aspectos prejudiciais à nossa própria existência.

Daí a perfeita compreensão de fenômenos, muitas vezes ridicularizados por ‘militantes’ de esquerda, como *pobres que defendem a direita, trabalhadores que defendem o empreendedorismo*, a possibilidade de dissociação entre técnica e política. Essas são puras expressões da razão neoliberal!

A necessária implicação entre desenvolvimento e aplicação de um conjunto de técnicas e conhecimentos científicos está atrelada à dimensão política que os sujeitos assumem em suas vidas.

O que estou fazendo? Para quem estou fazendo? Para quem estou fazendo? Podem parecer perguntas óbvias, mas necessárias para entender o sentido de nossas ações. Ora, nada mais falacioso que a o “*blá, blá, blá*” liberal de que a formação de equipes de governos são puramente técnicas e que o objetivo final é o atendimento e a melhoria da vida de todos. Qualquer sujeito, consciente ou não, assume posições que permitem a manutenção ou questionamento do *status quo* capitalista. Não existe uma pretensa separação entre quem eu sou na vida familiar, no trabalho, na militância, como se fossem assumidos apenas papéis, quase que teatrais, e não a construção coerente e o compromisso com a transformação da realidade atrelado a um projeto de classe. O que existe são limites concretos de atuação, que devem ser cotidianamente compreendidos, avaliados e dotados de sentido coletivo.

A razão neoliberal tende a eliminar esses questionamentos e fragmentar a atuação dos sujeitos em nichos onde tal ação “é permitida e aceitável”. Por fim, mas sem finalizar, é preciso avançar em processos que auxiliem no ganho de consciência de classe, e comprometimento de nós trabalhadores, com pautas coletivas dotadas de solidariedade. Pautas que tenham sentido na vida dos sujeitos, em todos os âmbitos da vida e não só onde nos é permitido. ■ ■ ■

Referências

- Dardot, Pierre; Laval, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo. Boitempo, 2016.
- Dardot, Pierre; Laval, Christian. *Anatomia do novo neoliberalismo*. Artigo de Pierre Dardot e Christian Laval. 2019.